

GUY DE MAUPASSANT, CRONISTA DE COSTUMES E DA VIDA LITERÁRIA

Angela das NEVES*

RESUMO: Entre querelas, polêmicas e questões candentes levantadas por Guy de Maupassant em seus artigos, o jovem escritor normando impôs-se no cenário jornalístico parisiense como um cronista dileto. De comentarista de ocasião a colaborador internacional durante a guerra colonialista na Argélia, o autor de “*Boule de Suiif*” ascendeu profissionalmente por meio da venda semanal de artigos e contos para jornais parisienses. Ainda que sua contística permaneça hoje como a parte mais relevante de sua obra, sua contribuição como cronista para periódicos não deve ser desprezada. Ela compreendeu quinze anos de sua produção literária, de 1876 a 1891, e resultou em mais de duzentos textos, sobre assuntos variados, entre eles a própria literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura francesa. Guy de Maupassant. Crônica. Crítica literária.

Um senhor da crônica

Na crônica “*Messieurs de la chronique*”, publicada no jornal francês *Gil Blas*, de 11 de novembro de 1884, o escritor normando Guy de Maupassant (1850-1893) opôs a tarefa do romancista à do cronista, de modo a traçar o perfil deste último:

[...] *le chroniqueur plaît surtout parce qu'il prête aux choses qu'il raconte son tour d'esprit, l'allure de sa verve, et qu'il les juge toujours avec la même méthode, leur applique le même procédé de pensée et d'expression auquel le lecteur du journal est habitué* (MAUPASSANT, 2008, p.237).

Foi sem dúvida essa marca pessoal, seu tom espirituoso e sua impetuosidade crítica, apresentados como necessários ao cronista, que lhe permitiram

* Doutora em Literatura Francesa. USP – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês. Butantã – São Paulo – SP – Brasil. 05508-900 – angela.neves@usp.br.

impulsionar sua carreira como escritor de narrativas curtas nos periódicos de grandes formatos. A insistência em certos procedimentos de sucesso também foram, em parte, responsáveis por sua conquista do público leitor, conforme veremos.

A primeira tentativa de Maupassant como cronista profissional foi no jornal *La Nation*, no final de 1876, com um artigo sobre a correspondência de Balzac. Nosso escritor já havia publicado poemas e um conto em periódicos de menor divulgação, bem como um primeiro texto sobre Gustave Flaubert, em *La République des Lettres*¹, sob o pseudônimo Guy de Valmont. Mas foi quando o diretor do *La Nation*, o deputado Raoul Duval, amigo de Flaubert, pediu-lhe algumas crônicas para testá-lo como colaborador que Maupassant pensou em entrar de fato para o jornalismo. Esse vínculo inicial, porém, não se estenderia por muito tempo. Conforme afirmou em carta a Flaubert, datada de 8 de janeiro de 1877:

[Raoul Duval] *s'est refusé à prendre des études longues et sérieuses comme celle que je lui proposais, et m'a recommandé de faire amusant. Pour lui plaire, je lui ai donné mon article sur Balzac, qui est de la critique à l'usage des dames et des messieurs du monde, mais où il n'est pas question de littérature* (FLAUBERT; MAUPASSANT, 1993, p.113, grifo do autor).

Maupassant aceitara, a princípio, essa condição, e escreveu outra crônica (sobre poetas franceses do século XVI) para Duval, que se desculpou por atrasar a publicação dos textos do jovem colaborador. Aparentemente, a razão para essa indisposição consistia em que o escritor não obedecera ao trato inicial, de abordar temas leves, para o público burguês. Como se nota pelos assuntos, em suas primeiras tentativas, Maupassant propunha-se à crítica literária. Logo depois, nosso escritor interrompeu sua contribuição para esse periódico, com a seguinte justificativa para Flaubert, na mesma carta que citamos antes: “*Or je vois par mes yeux, je juge par ma raison et je ne dirais point que ce qui est blanc est noir, parce que c'est l'avis d'un autre. Je compte faire encore un article d'épreuve pour **La Nation**, après quoi je me tiendrai tranquille.*” (FLAUBERT; MAUPASSANT, 1993, p.114). Por razões financeiras e por querer oferecer seu tempo a algo mais útil, como o seu livro de poemas e os dramas em versos, Maupassant desistiu de tentar entrar para a redação do *La Nation*, e, no calor da hora, concluiu que nunca teria liberdade suficiente na imprensa para dizer o que quer que fosse:

¹ Periódico francês dirigido pelo escritor Catulle Mendès.

[...] *aucun journal ne me laissera faire des articles vraiment littéraires et dire ce que je pense. Je lis tous les jours **La Nation**; cette feuille est radicalement imbécile, c'est le royaume des préjugés et du convenu, toute chose nouvelle les effarouchera comme idée et comme forme* (FLAUBERT; MAUPASSANT, 1993, p.114, grifo do autor).

Apesar do desabafo feito nos bastidores das cartas, Maupassant publicaria em jornais durante sua vida toda, sempre exprimindo sua opinião pessoal sobre fatos e livros – mesmo que a soubesse nuançar sob figuras de retórica e de linguagem muito bem empregadas. Em fevereiro de 1878, o diretor do *Le Gaulois*, Edmond Tarbé, propôs ao escritor a redação de crônicas não literárias. Somente em abril de 1880, Maupassant aceitaria essa tarefa, mas, conforme veremos, muitas vezes subverteu o trato de não abordar a literatura.

A carreira de Maupassant como cronista semanal começou de fato em 1880, após sua projeção no meio literário parisiense como escritor de outros gêneros. Esse é o ano da publicação de seu livro de poemas, intitulado *Des vers*, e também da novela “*Boule de Suif*”, divulgada num volume coletivo de escritores naturalistas, reunidos em encontros na casa de Émile Zola (mais conhecidos como as *Soirées de Médan*). Nesse momento, com o sucesso literário e o contrato para a publicação de crônicas semanais, Maupassant julgou adequado abandonar o cargo público no Ministério da Instrução Pública, que apenas não deixara antes por absoluta necessidade.

Sua entrada para os jornais foi estimulada por Émile Zola, visto que Gustave Flaubert, que repudiava o jornalismo, morrera em maio de 1880. Em 1881, Maupassant começou também a publicar no *Gil Blas*, onde assinaria textos mais leves e sob o pseudônimo Maufrigneuse, proveniente do nome de uma personagem balzaquiana. O auge dessa colaboração durou até 1887, principalmente nos dois periódicos que mencionamos, *Le Gauloise Gil Blas*. Nos anos seguintes, com sua ascensão econômica, embora Maupassant continuasse a escrever crônicas, dedicou-se mais às suas obras de maior fôlego, à organização de volumes de novelas e contos e à redação de seus últimos romances.

Grande parte das mais de duzentas crônicas publicadas por Maupassant saiu em *Le Gaulois* (120 delas) e no *Gil Blas* (75) – jornais considerados de direita e dos quais o escritor foi colaborador contínuo – e, em menor número, em *Le Figaro* (16), *L'Écho de Paris* (7) e *Le XIX^e Siècle* (apenas 5 crônicas)². É necessário observar que, nesse volumoso número de textos, há muitos que

² Acompanhamos os números da edição de Henri Mitterand (2008), hoje a única disponível nas livrarias. Outra edição respeitável das crônicas de Maupassant, e à qual muito deve a de Mitterand, foi organizada pelo estudioso Gérard Delaisement, publicada em 2003 e infelizmente esgotada.

se assemelham não somente quanto ao assunto. Era comum Maupassant republicar suas crônicas com pequenas modificações, sob outros títulos, em jornais diferentes, valendo-se do princípio de que geralmente leitores de jornais eram fiéis a um título. Como as crônicas estavam destinadas a uma curta vida cotidiana, o escritor também reaproveitava trechos delas em seus livros, como romances ou narrativas de viagem. Esse procedimento, que lhe permitia oferecer rapidamente textos aos seus editores, ocasionou a seus estudiosos e compiladores algumas dificuldades na classificação de suas crônicas, muitas vezes consideradas híbridas ou “textos-clones” (GRANDADAM, 2007; MITTERAND, 2008). Essa característica da produção maupassantiana é encontrada também em seus contos, que em alguns momentos têm suas fronteiras com as crônicas um pouco “indecisas”, segundo Louis Forestier (2011), organizador dos três tomos da edição da Pléiade dos contos, novelas e romances de Maupassant.

Embora muitas de suas crônicas trate de literatura, ao que parece, Maupassant não se pretendia um crítico literário *tout court*, por dois motivos. Segundo Henri Mitterand, “[...] *il ne saurait s’astreindre à tout lire pour parler de tous*” e “*Il préfère, à vrai dire, réfléchir sur des aspects plus généraux du métier d’écrivain.*” (MITTERAND, 2008, p.26). Por meio da leitura do conjunto de suas crônicas, é possível notar que Maupassant hesitava tratar de novos literatos e que preferia usar seus textos para treinar sua pena e pensar sobre sua obra. Sua fama de escritor impessoal, como autor de “*Boule de Suif*” e discípulo de Flaubert, é questionada na leitura desses artigos, em que seu ponto de vista é quase sempre dado de forma categórica. Por essa razão, nosso interesse principal neste artigo é oferecer ao leitor uma visada sobre as reflexões do escritor nas crônicas que tratam da arte de escrever. Antes disso, faremos um pequeno panorama sobre suas crônicas sociais, políticas e sobre artes, visando ilustrar a amplitude de seu olhar como observador social, certas vezes guiado por *partis pris* que geralmente são disfarçados sob a pena do ficcionista.

Em termos numéricos, nota-se certo equilíbrio entre o cronista de costumes e o cronista literário: sobre política e sociedade, encontramos 65 crônicas; a respeito de literatura e arte, são 63 textos; e para não deixarmos de tratar de um filão muito rico em sua obra, uma espécie de gênero à parte dentro da crônica, Maupassant escreveu 71 crônicas de viagem, muitas delas reunidas nos volumes *Au soleil*, *Sur l’eau* e *La vie errante*³.

³ Os números referem-se mais uma vez à classificação temática de Henri Mitterand (2008).

É necessário observar que a classificação das crônicas maupassantianas em assuntos é meramente didática e visa facilitar a abordagem dos principais temas discutidos por ele. Como é característico desse gênero literário, muitas vezes o autor passa de um assunto a outro, pontuando aqui e ali argumentos e comentários por vezes até mais precisos que em outra crônica dedicada exclusivamente a determinado tópico. Daí, por exemplo, podermos extrair de uma crônica de viagem como “*La nuit*” (depois republicada em *Sur l'eau*) preciosas definições de Maupassant sobre a poesia simbolista, ausentes em suas crônicas literárias, em que o cronista procurava privar-se de aproximações com escolas.

Um cronista de costumes retratando seu tempo

Alguns assuntos candentes em sua época, conhecidos por meio da leitura dos noticiários dos jornais, dos *faits divers* ou de novos livros, emprestaram motivo às crônicas de Maupassant: a guerra colonial, a defesa da República, o sufrágio universal, o serviço militar obrigatório, o regime interno escolar, os salões burgueses, o duelo, a censura, o papel da mulher na sociedade, o divórcio (então recentemente legalizado), o adultério, as academias, o orientalismo. Aspectos políticos, como a Guerra Franco-Prussiana e a guerra colonial na Argélia e na Tunísia, ou sociais, como o divórcio, eram particularmente conhecidos do autor, envolvido com eles em algum momento de sua vida. Longe de revelarem apenas um senso comum de sua época, seus textos não deixam de ilustrar um ponto de vista muito pessoal do autor. Nesses artigos, portanto, é possível vislumbrar reflexões de um homem até certo ponto engajado com as questões que põe em debate; ou seja, podemos depreender o retrato traçado por um escritor sobre a sociedade em que vivia. Nesse sentido, as crônicas sobre suas viagens ao norte da África, revelam um olhar atento, senão de antropólogo *avant la lettre*, pelo menos de um cidadão francês que questiona a validade da guerra e da colonização.

No que podemos considerar suas crônicas de costumes, Maupassant também se arrisca a opinar sobre traços dados como particulares da cultura francesa, quase todos, para ele, em vias de extinção. É o que conclui quando trata da *causerie*, da galanteria, da fineza e do *esprit* franceses, que, a seu ver, perderam-se com uma sociedade de educação refinada que os cultivava. Nota-se aí que seus valores aristocráticos sobre educação e estética rivalizam com o modo de vida burguês que acabou por adotar, ele mesmo dividido em suas origens

entre as duas classes, nobre (pela família paterna) e burguesa – sabe-se que seu avô materno possuía uma indústria de tecidos (SATIAT, 2003, p.17).

Como lhe repugnavam as grandes reuniões públicas e os grupos políticos, o que expressa com grande convicção em “*Les foules*”, por exemplo, Maupassant omitiu-se a discorrer sobre os movimentos sociais, os grupos operários e as ideias de Karl Marx, que tanto seduziam Zola, também cronista dos jornais *Le Gaulois* e *Le Figaro*. Na crônica “*L’aristocratie*”, Maupassant (2008) posicionou-se contra o voto livre e defendia que uma aristocracia letrada deveria decidir os rumos do país pelos demais cidadãos; também sua visão sobre a mulher artista e sua colocação profissional não são das mais animadoras aos olhos modernos⁴. Por outro lado, nos dois textos com o título “*La guerre*”, o autor colocou-se totalmente contra qualquer tipo de guerra e comentou a desumanidade por trás dos interesses de poder colonialistas franceses no norte da África, assim como fez em *Au soleil*.

Maupassant propôs-se a escrever nos jornais sobre diversos grupos ou classes sociais que também o ocupariam na redação de seus contos e romances: o pequeno-burguês emergente (em “*Propriétaires et lilas*”), o funcionário público (em “*Les employés*”), as empregadas (em “*Les servantes*”) e, se podemos definir como um grupo (o próprio Maupassant os distinguiu em três), o dos homens traídos (em “*Les troiscas*”: o do cego, o do cúmplice e o do vingativo). Nesses casos, o humor e o sarcasmo são quase sempre as marcas principais dessas crônicas. Em “*Les héros modestes*”, por exemplo, o escritor elege um piloto de porto como herói nacional, por ter resgatado diversos naufrago sem Fécamp. Faz aí uma crítica a homens públicos que não merecem a celebridade e solicita um cargo para esse herói modesto, considerado mais digno de ocupá-lo.

Nesses textos, pode-se observar a mistura de gêneros tão frequente no autor, quando cria uma personagem para ilustrar o tema sobre o qual divaga na crônica, que se aparenta seja com a forma do conto⁵, seja com a do drama (“*En séance*”, “*Les grandes passions*”). Também devemos notar que, em certos momentos, Maupassant emprega generalizações redutoras: “[...] *tous leurs possesseurs se ressemblent entre eux autant que leurs maisons entre elles*” (MAUPASSANT, 2008, p.56)⁶ e de ironia, por exemplo: “[...] *la mer rapporte*

⁴ Por exemplo, em “*La Lysistrata moderne*” e “*La femme de lettres*” (MAUPASSANT, 2003).

⁵ Por exemplo, em: “*Arts et artifices*”, “*Les inconnues*”, “*Aux eaux*”, “*L’Orient*” (MAUPASSANT, 2003).

⁶ Fragmento da crônica “*Propriétaires et lilas*”. Confirma também: “*Les employés*”: “*De toutes les classes d’individus, de tous les ordres de travailleurs, de tous les hommes qui livrent quotidiennement le dur combat pour vivre, ceux-là sont les plus à plaindre, sont les plus déshérités de faveurs.*” (MAUPASSANT, 2008, p.67).

moins que la Bourse, bien que les naufrages soient aussi fréquents dans l'une que dans l'autre [...]" (MAUPASSANT, 2008, p.75)⁷, que marcam o tom pessoal, incisivo e bem-humorado do autor.

Suas crônicas de viagem, quase todas reunidas nos livros *Au soleil*, *Sur l'eau* e *La vie errante*, levavam quinzenalmente aos leitores de jornais suas impressões sobre os locais visitados, em diversas viagens: em 1879 e 1880, pela Bretanha; em 1880, pela Córsega; em 1881 e 1888, ao norte da África (Argélia e Tunísia); em 1885 e 1889, pela Itália. Além de viajar por água e por terra, outras quatro crônicas ilustram duas viagens feitas pelos ares, em balão, de Paris até a fronteira francesa com a Bélgica. Trata-se de textos escritos por ocasião de dois voos, em 1887 e 1888, no balão *Le Horla*, que a Union Aéronautique Française ofereceu em homenagem ao escritor. Essas experiências mostram o espírito aventureiro e a verve ilimitada de Maupassant, sempre disposto a buscar novas paisagens, retratar costumes diversos dos seus e traçar outros perfis, ainda que sob vieses por vezes um tanto datados.

O olhar de um paisagista

Das onze crônicas sobre artes que Maupassant publicou, sete delas relatam visitas aos famosos Salões de pintura parisienses e revelam um olhar relutante às formalidades, à arte de recompensas e às banalidades das exposições institucionais. Em "*Notes d'un démolisseur*", para o *Gil Blas* de 17 de maio de 1882, entre assuntos diversos como o infanticídio e os duelos, o autor defende o fim dos Salões e a permanência das galerias, a renovação das artes, sobretudo no que se refere à escultura, e propõe, como num manifesto: "*Brisons les marbres, les moules et les admirations antiques. Cherchez, imaginez, trouvez.*" (MAUPASSANT, 2008, p.1548). Assim como nas letras, Maupassant era a favor da originalidade e da liberdade do artista contra os preceitos de escola e da crítica de ocasião. Ele repudiava os prêmios e as academias, pois, na sua opinião, a arte deveria prescindir de apoios do Estado e, conseqüentemente, estar livre de relações com a política.

Entre suas crônicas de arte, a mais importante é, sem dúvida, "*La vie d'un paysagiste*", escrita como uma carta, enviada de Étretat a um amigo não nomeado e publicada no *Gil Blas*, em 28 de setembro de 1886. Maupassant desenvolve aí sua concepção sobre a pintura, a partir da observação de artistas

⁷ Fragmento da crônica "*Les héros modestes*".

vindos a Étretat, em diversos momentos de sua vida, atraídos pela “*qualité du jour, vraiment exceptionnelle*” (MAUPASSANT, 2008, p.1607) nessa cidade litorânea da Normandia em que ele residiu. Entre os pintores citados estão Jean-Baptiste Corot, Gustave Courbet e Claude Monet, sendo que este último estivera nessa cidade no ano anterior (1885) e que nosso escritor pôde “seguir”, “à la recherche d'impressions” (MAUPASSANT, 2008, p.1605). Maupassant define Monet como um caçador de impressões, de paisagens e de nuances, por seu acurado olhar sobre a natureza, qualidade essa imprescindível, a seu ver, conforme veremos, também ao escritor de talento.

“*La vie d'un paysagiste*” é um texto curto, em que mais uma vez Maupassant faz considerações sobre o dom de observação do pintor sobre a natureza, pertinente a todo verdadeiro artista, de maneira semelhante à que exporia um ano mais tarde no célebre ensaio “*Le Roman*”:

Vrai, je ne vis plus que par les yeux; je vais, du matin au soir, par les plaines et par les bois, par les rochers et par les ajoncs, cherchant les tons vrais, les nuances inobservées, tout ce que l'École, tout ce que l'Appris, tout ce que l'Éducation aveuglante et classique empêche de connaître et de pénétrer.

Mes yeux ouverts, à la façon d'une bouche affamée, dévorent la terre et le ciel. Oui, j'ai la sensation nette et profonde de manger le monde avec mon regard, et de digérer les couleurs comme on digère les viandes et les fruits.

[...] *Une feuille, un petit caillou, un rayon, une touffe d'herbe m'arrêtent des temps infinis; et je les contemple avidement, plus ému qu'un chercheur d'or qui trouve un lingot, savourant un bonheur mystérieux et délicieux à décomposer leurs imperceptibles tons et leurs insaisissables reflets* (MAUPASSANT, 2008, p.1504).

Essa busca da arte no contato com a natureza, por sua observação direta, assemelha-se ao modo de pintar dos impressionistas, que ele tanto admirava. Dada a sua incapacidade de pintar – “[...] *je passe des jours douloureux à regarder, sur une route blanche, l'ombre d'une borne en constatant que je ne puis la peindre.*” (MAUPASSANT, 2008, p.1507) –, Maupassant coloca em paralelo o trabalho do pintor ao do escritor “ilusionista”, que dá em sua obra a sua visão da realidade. Conforme observa em nota Henri Mitterand (2008, p.1602), “*C'est ce qui fait de cette chronique un texte de réflexion esthétique peut-être aussi important que le texte sur le roman publié en 1888 en même temps que Pierre et Jean – et en tout cas complémentaire de celui-ci.*” Assim como no seu ensaio sobre o romance, Maupassant coloca-se como um atento observador da linguagem artística e da arte no momento de sua produção. Seu interesse volta-se não somente para os

objetos descritos ou retratados, mas principalmente para o modo como eles se tornam arte pelo prisma do artista. Por esse motivo, o escritor considerava o olho “*le plus admirable des organes humains*” e, dessa maneira, a necessidade de trabalhar o dom de observação até “*une admirable acuité*” (MAUPASSANT, 2008, p.1507).

As reflexões de Maupassant em suas crônicas sobre as artes levam-nos a uma melhor compreensão de sua formação como artista e suas escolhas como escritor, uma vez que ele mesmo estabelece relações intrínsecas entre procedimentos da criação pictórica com os obstáculos da produção literária. A constatação final, em “*La vie d’un paysagiste*”, sobre a sua incapacidade de pintar tudo aquilo que captou da natureza, diante da tela branca, é ultrapassada pela bela crônica que acaba de compor, ao final de algumas páginas preenchidas.

O cronista literário

Apesar da curiosidade de todos os textos sobre sociedade, política, costumes e artes, sua gama de assuntos e o constante bom humor do cronista, são de maior interesse para nós aqueles que tratam diretamente de escritores ou de questões literárias, uma vez que nos permitem discutir mais claramente as ideias do autor sobre literatura. Encontramos ali conceitos literários esboçados pelo autor, sem uma tentativa de teorizar sobre literatura. É o caso de quando define o estilo, em “*Souvenirs d’un an*” (MAUPASSANT, 2008), ou de quando delimita a tarefa do romancista e do crítico em “*Le roman*” (MAUPASSANT, 2008) ou ainda de quando diferencia o romance de aventuras do romance realista, em “*L’évolution du roman au XIX^e siècle*” (MAUPASSANT, 2008).

Sobre a poesia francesa, Maupassant dedicou seu terceiro artigo, conforme dissemos anteriormente, publicado em 17 de janeiro de 1877, em *La Nation*. Esse texto toma por assunto a poesia do século XVI e foi escrito quase como uma resenha, estimulado pela leitura da republicação pelo editor Alphonse Lemerre de um livro de Sainte-Beuve, *Tableau de la poésie française au XVI^e siècle*. Entre elogios e pontuadas pessoais sobre a metodologia crítica de Sainte-Beuve – “*Il compare trop et ne distingue pas assez*” (MAUPASSANT, 2008, p.1130) –, Maupassant, ainda conhecido como aspirante a poeta, oferece a sua concepção de poesia, que vai na esteira de Baudelaire, defendendo o tema livre, em detrimento dos assuntos considerados mais poéticos, como a natureza, a lua e as estrelas, o amor:

La plus grande [erreur] qu'on puisse reprocher à presque tous les écrivains de ce temps, c'est d'avoir cru que la poésie se trouvait dans certaines choses à l'exclusion de toutes les autres [...]

La beauté est en tout, mais il faut savoir l'en faire sortir; le poète véritablement original ira toujours la chercher dans les choses où elle est le plus cachée, plutôt qu'en celles où elle apparaît au-dehors et où chacun peut la cueillir. Il n'y a pas de choses poétiques, comme il n'y a pas de choses qui ne le soient point: car la poésie n'existe en réalité que dans le cerveau de celui qui la voit. Qu'on lise, pour s'en convaincre, la merveilleuse « Charogne » de Baudelaire (MAUPASSANT, 2008, p.1132-1133) .

Após desculpar-se por sua exigência anacrônica e seu julgamento severo contra os poetas do século XVI francês, Maupassant termina seu artigo defendendo como maior escritor desse período justamente um prosador, François Rabelais. Apesar do estranhamento que isso causa à fluidez da leitura do artigo, podemos interpretar o fato como uma intrusão do próprio Maupassant prosador revelando suas preferências hoje óbvias ao leitor, mas, em 1877, ainda em latência no jovem poeta. Já nesse tempo, era a poeticidade da prosa de Rabelais o que mais o atraía.

Há, por esse mesmo motivo, entre suas crônicas, um número predominante de textos dedicados a prosadores, como Balzac (dois artigos), Georges Sand (um artigo), Flaubert (onze textos), Zola (três crônicas), Edmond de Goncourt (três) e Turguêniev (três). Neles, Maupassant encontra espaço para exprimir seu apreço e sua dívida pessoal em favor da maioria desses escritores ou amigos. Raros são os textos em que se ocupa meramente da crítica literária e em que seus comentários sobre literatura não estejam vinculados a uma escolha particular do autor de “*Le roman*”. Afinal, como ele afirmou nesse ensaio, “*un choix s'impose*”.

Em uma de suas crônicas em homenagem a Ivan Turguêniev, intitulada “*Le fantastique*”, Maupassant (2008) aborda a qualidade de contista do amigo morto recentemente e aproveita para traçar seu conceito de fantástico, muito devedor da leitura do escritor russo, bem como de Hoffmann e Poe. Essa crônica, assim como diversas outras, provém de anedotas da vida pessoal do homenageado, conhecida de perto por Maupassant, e constitui um perfil bastante biográfico do analisado. Conclusões como “*Balzac était un TENDRE*” (MAUPASSANT, 2008, p.1169, grifo do autor), tirada a partir da observação das relações do autor da *Comédie Humaine* com as mulheres, e em particular com a viúva dele, Madame Hanska, mostram o caráter subjetivo de alguns de seus textos, que acabam por revelar mais do próprio Maupassant e de seus

interesses pessoais que do escritor homenageado. A escolha de tratar deles a partir da leitura das cartas (caso dos artigos sobre Flaubert, Balzac e Georges Sand) revela a curiosidade que movia o autor de *Pierre et Jean* pela vida dos escritores e o valor que dava à epistolografia para a compreensão da formação literária deles. Mesmo no caso de Flaubert, que prezava o resguardo da vida pessoal de um artista, já que a leitura de sua obra era o que de fato deveria interessar ao público, Maupassant não poupa inteiramente a intimidade do mestre, ao tratar de seus romances (ver o estudo “Gustave Flaubert”⁸, publicado em 1884, como prefácio a *Bouvard et Pécuchet*, obra póstuma de Flaubert).

O próprio estilo epistolar e a carta – “*cette escrime d’esprit écrit*” (MAUPASSANT, 2008, p.264) – foram tema de uma crônica importante de nosso autor, publicada em *Le Gaulois*, de 11 de junho de 1888. Em “*Le style épistolaire*”, Maupassant observa o declínio da qualidade dos epistológrafos após o extermínio dos costumes da nobreza, com a Revolução Francesa, e conclui ser iminente o desaparecimento desse gênero, que considera relevante para o conhecimento da história e dos costumes de uma época. Conclusões contundentes como a da morte do estilo epistolar, ou o fim da literatura fantástica, ainda que pareçam exageradas ou meros recursos retóricos para tornar suas crônicas mais relevantes do ponto de vista argumentativo, revelam certo saudosismo e até certo fatalismo comum em alguns textos maupassantianos. Esse sentimento, transposto nesta crônica, transmite ainda sua indecisão entre uma arte de veleidade aristocrática e a subversão do modo de vida burguês, representado na própria atividade de escritor para jornais.

Embora Maupassant julgasse sua atividade de jornalista como acessória à sua carreira de escritor, num de seus textos para o *Gil Blas*, “*Messieurs de la chronique*”, citado no início deste artigo, o autor reconheceu a dificuldade da tarefa cotidiana do cronista:

Les vrais chroniqueurs sont tout aussi rares et précieux que les vrais romanciers, et combien en compte-t-on qui résistent seulement quatre ou cinq ans à ce métier terrible d’écrire tous les jours, d’avoir de l’esprit tous les jours, de plaire tous les jours au public. [...] Le chroniqueur[...] n’existe que par la faveur immédiate du public. Il faut qu’il soit sans cesse le favori des lecteurs, qu’il s’efforce sans cesse de les séduire ou de les convaincre. Il a besoin, pour cet effort constant, d’une incroyable énergie, d’un tempérament infatigable, d’un esprit et d’une présence d’esprit sans limites (MAUPASSANT, 2008, p.237).

⁸ Coligido em Maupassant (2008).

Nessa crônica, além de definir as diferenças entre as tarefas do romancista e do cronista, Maupassant faz um balanço do trabalho de quatro jornalistas franceses, “*avec des gants et avec mille précautions*”, tendo considerado “*l’humeur excitable et la patience courte*” de muitos colegas. Nessa crônica, o escritor busca sintetizar o que de melhor, a seu ver, era escrito nesse gênero em sua época. Ao divagar sobre “*la grande querelle des romanciers et des chroniqueurs*”, numa tentativa de diferenciar a essência dos dois gêneros de escritores, Maupassant define a crônica, que “[...] *doit être courte et hachée, fantaisiste, sautant d’une chose à une autre et d’une idée à la suivante sans la moindre transition, sans ces préparations minutieuses qui demandent tant de peine au faiseurs de livres.*” (MAUPASSANT, 2008, p.237). Para ele, as características essenciais do cronista devem ser “*la bonne humeur, la légèreté, la vivacité, l’esprit, la grâce*” (MAUPASSANT, 2008, p.236-237). Observa-se aí a semelhança do gênero com uma conversaçã entre sujeitos ilustres sobre assuntos cotidianos. Vimos, nos exemplos escolhidos, essas qualidades presentes em Maupassant como cronista, seja quando versa sobre a literatura, a cultura e as artes, seja quando aborda atualidades políticas e sociais.

Maupassant tinha uma visão bastante pragmática da carreira de escritor. Para ele, a literatura não deixava de ser uma fonte de enriquecimento lícito. O sucesso com as mulheres também era um atributo muito bem-vindo de sua profissão (MAUPASSANT, 2008). Mas, ainda que repudiasse o papel do escritor mentor de povos, ao estilo de Victor Hugo, ou do mero defensor da arte pela arte, acreditava que o verdadeiro artista deveria sentir prazer em criar e ser motivado pelo amor à arte e pela busca da perfeiçã. É o que exprimiu neste excerto da crônica “*Georges Sand d’après ses lettres*”, de 13 de maio de 1882, para o *Le Gaulois*:

*À côté du désir très légitime de gagner de l’argent, à côté du besoin tout naturel de renommée, l’artiste aime et doit aimer frénétiquement ce qu’il enfante. Aux heures de production, il ne songe ni à l’or ni à la gloire, mais à l’excellence de son œuvre. Il frémit aux trouvailles qu’il fait, s’exalte, comme hors de lui-même, devenu une sorte de machine intellectuelle à produire le beau, et il aime son ouvrage uniquement parce qu’il le croit **bien*** (MAUPASSANT, 2008, p.1178, grifo do autor).

Maupassant sempre se opôs à literatura de tendências, pois assim acreditava estar livre para admirar ou criticar quaisquer gêneros e escolas. Apesar de ter-se projetado com o grupo naturalista de Zola, desde aquela época procurou

justificar a união do grupo de Médan pela sua afinidade filosófica (contra o que considerava o charlatanismo romântico) e negar o objetivo de formação de uma escola⁹. Em diversos momentos de sua atividade de cronista literário, nosso autor defendeu a liberdade estética e colocou-se como livre dos preceitos de escolas literárias. Isso também proveio de seu aprendizado com o mestre Gustave Flaubert. No seu maior estudo sobre ele, publicado como prefácio a *Bouvard et Pécuchet*, ao qual aludimos anteriormente, Maupassant afirma que “*Les romanciers [...] n'ont pas mission pour moraliser, ni pour flageller, ni pour enseigner*” e que “*Tout livre à tendances cesse d'être un livre d'artiste*” (MAUPASSANT, 2008, p.1233). Em 1882, em “*Question littéraire*”, já havia concluído: “[...] *je crois tous les principes littéraires inutiles. L'œuvre seule vaut quelque chose, quelle que soit la méthode du romancier.*” (MAUPASSANT, 2008, p.1378, grifo do autor).

A leitura de sua obra de ficção, seus contos, romances e dramas permite por si só compreender esse lugar autônomo e autêntico que Maupassant buscava. Por meio do conhecimento de suas crônicas, temos mais uma evidência disso, em textos em que o escritor procurou mais de uma vez demarcar sua independência literária, colocando em pauta princípios subjacentes à produção de sua obra, que, mesmo sem nomeá-la, faz-se objeto de reflexão em meio à sua contribuição jornalística.

Considerações finais

Em estudo sobre a atividade de Maupassant como jornalista literário, a estudiosa francesa Emmanuèle Grandadam afirmou que ele se tornou “o príncipe” da crônica de seu tempo (GRANDADAM, 2007, p.112). A presença de nosso escritor, mesmo que sob pseudônimos (a partir de determinado momento, já identificados ao autor de “*Boule de Suif*”), fez-se marcante entre os leitores de jornais. Num estilo que parece de *causerie*, de conversa com um amigo, Maupassant desenvolveu suas crônicas, que podem ter por motivação inicial um *fait divers*, a homenagem a um escritor falecido, o elogio de obras publicadas recentemente, mas que recaem em discussões teóricas sobre literatura, sem fazer teoria propriamente dita. Suas ideias sobre a mulher, a política e a religião, expostas nas crônicas, parecem hoje destoantes do panorama cultural mundial. No entanto, nas obras de ficção, essa visão é amenizada pelo dom do

⁹ Ver, por exemplo, a crônica “*Les Soirées de Médan*”, de 17 de abril de 1880, publicada em *Le Gaulois* (MAUPASSANT, 2008).

artista, por meio de ironias e de sátiras indiretas, ou até de um olhar mais aberto e libertário.

O estilo desses textos, híbridos em formas e temas, vagueia entre a ficção e a não ficção, entre a dissertação e o relato cotidiano. Como ele definiu ser típico ao gênero, também seus textos passam de um assunto a outro, sem transição, entre digressões que por vezes ocupam o texto inteiro, mas devem ser concisos, buscando um tom leve, para seduzir e convencer seus leitores. Para Henri Mitterand, assim como nas narrativas de viagem, nas crônicas, Maupassant passa

[...] *avec la même liberté du paysage au portrait, du portrait à la scène de genre, de l'anecdote à la réflexion, ou inversement. C'est de là que naît le charme de beaucoup de ses chroniques. C'est un texte imprévisible dans sa discontinuité. [...] La sensibilité moderne s'accorde assez bien à ce vagabondage à travers les grands et les petits sujets [...]* (MITTERAND, 2008, p.36).

Por outro lado, essa liberdade formal vinha a favor de um comprometimento opinativo. Maupassant posicionou-se nos jornais pela liberdade de imprensa e da crítica, mesmo quando atacado em sua obra de ficção¹⁰. Assim como defendeu a livre escolha de qualquer romancista para escrever sobre o que quisesse, também no domínio de outras artes, como a pintura e a poesia¹¹, acreditava que o artista original era autônomo o suficiente para impor sua maneira de ver. Sua única prerrogativa era agir sempre em favor do que julgava justo, defendendo os preceitos do belo e do verossímil.

Maupassant pôde, por meio do jornalismo, opinar e mostrar sua autenticidade de ideias. Como cronista e formador de opinião, demarcou nas páginas de jornais seu lugar na crítica, assim como no conto mundial. Ironicamente, ele contradisse sua própria história, quando afirmou que “[...] *ne s'est-il jamais rencontré un romancier qui fût un chroniqueur, et jamais un chroniqueur qui fût un bon romancier.*” (MAUPASSANT, 2008, p.237). De cronista de ocasião, Maupassant tornou-se um senhor da crônica e um contista e romancista conhecido mundialmente.

Por meio desse grande número de textos e de sua variedade temática e formal, podemos conhecer uma outra faceta de Guy de Maupassant, em que sua opinião se faz presente. Nas crônicas, mais que nos contos ou nos romances, nosso autor aparece como “*acteur et spectateur de lui-même et des*

¹⁰ Confirma “*Aux critiques de Bel-Ami*” (MAUPASSANT, 2003).

¹¹ Ver “*Les bas-fonds*”, “*Un drame vrai*” (MAUPASSANT, 2003).

autres” (MAUPASSANT, 2008, p.1480), dos fatos cotidianos, sociais e políticos, que em sua obra de ficção nem sempre são pautados sob o seu juízo pessoal.

Podemos concluir nosso artigo, com uma frase de um artigo seu sobre Balzac: “[...] *il n'est point de pays plus magnifique que le cerveau d'un grand écrivain.*” (MAUPASSANT, 2008, p.1163). E ler as crônicas de Maupassant, é uma oportunidade de visitar caminhos pouco trilhados no território maupassantiano, felizmente cada vez mais vislumbrado pelos estudiosos de sua obra.

Guy de Maupassant, chronicler of manners and of literary life

ABSTRACT: *Abstract: Among the disputes, polemics and fiery issues raised by Guy de Maupassant in his articles, the young Norman writer has imposed himself in the Parisian journalism scene as a beloved chronicler. From occasional contributor to international contributing editor during the colonial war in Algeria, the author of “Boule de Suif” grew professionally through the weekly sale of articles and short stories for Parisian newspapers. Although his tales remain nowadays as the most important part of his work, his contributions as a columnist for periodicals should not be neglected. It includes fifteen years of his literary production, from 1876 to 1891, and resulted in more than two hundred texts on various subjects including literature.*

KEYWORDS: *French literature. Guy de Maupassant. Chronic. Literary criticism.*

REFERÊNCIAS

FLAUBERT, G.; MAUPASSANT, G. de. **Correspondance.** Texte établi, préfacé et annoté par Yvan Leclerc. Paris: Flammarion, 1993.

FORESTIER, L. Les contes, entre éclairs et brouillard. **Le Magazine Littéraire**, Paris, n.512, p.74-75, oct. 2011. Dossier.

GRANDADAM, E. Maupassant journaliste littéraire. **Bulletin Flaubert-Maupassant**, Rouen, n.21, p.111-30, 2007. Maupassant et la politique.

MAUPASSANT, G. de. **Chroniques:** anthologie. Paris: Librairie Générale Française, 2008. (Le Livre de Poche).

_____. **Chroniques.** Direction de Gérard Delaisement. Paris: Rive Droite, 2003. 2t.

Angela das Neves

MITTERAND, H. Introduction générale et notes. In: MAUPASSANT, G. de. **Chroniques**: anthologie. Paris: Librairie Générale Française, 2008. (Le Livre de Poche).

SATIAT, N. **Maupassant**. Paris: Flammarion, 2003. (Grandes biographies).

